



A GÊNESE DO MOVIMENTO MANGUEBEAT

Éder de Souza Beirão¹

¹Instituto Federal do Norte de Minas Gerais/Centro de Referência em Educação à Distância e Projetos Especiais, ederbeirao@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo identificar como se deu a origem do movimento do manguebeat. O movimento teve sua origem nos anos 1990 englobando ritmos tradicionais e modernos da música brasileira e internacional. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório que utilizou como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica. O artigo acaba evidenciando a gênese do movimento manguebeat bem como alguns de seus marcos históricos e sua importância para o Recife/PE e o Brasil.

Palavras-chave: Manguebeat, Música, Chico Science & Nação Zumbi, Recife.

1. Introdução

O mundo passou por intensas mudanças em decorrência de eventos diversificados que mudaram e romperam uma série de paradigmas nas mais diversas áreas do conhecimento. Bem, com a cultura e arte não foi diferente.

Depois dos eventos da Segunda Guerra Mundial que se findou em 1945, iniciou-se a disputa pela hegemonia, poder e desenvolvimento, da Guerra Fria.

Neste cenário, mais precisamente em meados da década de 1960, muitos acontecimentos importantes fizeram eclodir uma importante explosão da contracultura. Segundo Ribas (2016, p.29) tudo isso ocorreu em decorrência da busca de uma essência libertadora sobre a repressão da tecnocracia.

Esse contexto de mudanças de paradigmas e pensamento também impregnou o Brasil, fazendo surgir o movimento do tropicalismo.

Mais tarde foi a vez da capital pernambucana, Recife/PE, inspirar-se e se revoltar contra a tradição e criar um movimento cultural novo e irreverente, o manguebeat.

O movimento do manguebeat nada mais é do que um movimento cultural, mais precisamente um movimento contracultural. Segundo Touraine (2003), movimentos



culturais são ações voltadas para a afirmação de direitos culturais mais que no conflito com o adversário.

Para explicar o conceito de contracultura, faz-se necessário contextualizar o termo cultura.

Cultura é um produto histórico, isto é, contingente, mais acidental do que necessário, uma criação arbitrária da liberdade – cujo modelo supremo é a arte... Não há cultura, a rigor – como manifestação de uma inexistente ‘natureza’ humana, por exemplo, mas culturas, no plural, criadas por diferentes homens em diferentes épocas, lugares e condições, tanto objetivas quanto subjetivas. Elas expressam não a realidade em si, mas diferentes maneiras de ver esta realidade e de interpretá-la. São diferentes leituras de mundo e por nenhum critério pretensamente objetivo podemos afirmar que uma seja mais válida – ou mais ‘objetiva’, ‘verdadeira’, ‘científica’ etc. – do que outra. (MACIEL, 1981, apud. RIBAS, 2016, p.15)

O autor, depois de apresentar tal conceito, conceituou o termo contracultura. Para Maciel (1981, apud RIBAS, 2016, p.16) pode-se entender contracultura, a palavra, de duas maneiras: (1) Como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60; e (2) Como uma postura, ou até mesmo uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical.

O autor ainda completa afirmando que no primeiro sentido, a contracultura não é, só foi; no segundo, foi, é e certamente será.

Portanto, fica bem claro que o manguebeat é um movimento contracultural por se posicionar de uma forma diferente de convencional, e ao mesmo tempo ser formado por uma mistura e hibridismo de culturas e costumes tradicionais do nordeste do Brasil, em especial da capital pernambucana, Recife/PE.

Sendo assim, o estudo tem como questão-problema: Como se deu a origem do movimento do manguebeat na capital pernambucana?

Considerando-se a importância do tema, o objetivo deste estudo é identificar como se deu a origem do movimento do manguebeat.



2. Fundamentação Científica

Segundo Ramalho (2015, p.11), na década de 1990, a cidade do Recife presenciava o nascimento de uma nova maneira de fazer música e sentir-se recifense, combinando elementos exógenos em misturas sacrílegas aos olhares mais tradicionais.

Entretanto, talvez não seja exagero dizer que em nenhum outro momento o discurso identitário, sob o signo da mistura com a cultura pop, do híbrido, se mobilizou tanto em torno dos meios de comunicação em massa na capital pernambucana. Naquele momento, artistas como Chico Science e Fred Zero Quatro foram buscar a inspiração para sua proposta nos ritmos tradicionais (tais como o maracatu), somando a eles estilos da música (como o rock e hip-hop) e agregando a estes o imperativo de mobilização de mídias e produções independentes, na lógica “*do it yourself*” do punk inglês (RAMALHO, 2015, p.15).

Em um cenário cultural, onde os maiores exemplos eram a bossa nova e o tropicalismo, surgiu o manguebeat, a partir do lançamento do manifesto dos Caranguejos com Cérebro, em 1991, por Fred Zero Quatro, integrante do grupo Mundo Livre S/A.

Ucella e Lima (2013, p.111-112) afirma que neste manifesto podemos ter uma ideia da proposta desse movimento ou cena: “O objetivo era engendrar um ‘circuito energético’, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Fred era um dos artífices do manguebeat e segundo Lima (2008), trabalhou com a ideia de fertilidade existente no encontro da produção musical pop com a regional, conforme afirma Herom Vargas.

De acordo com o autor, a metáfora dessa síntese se dava no mangue - as águas do rio e do mar resultam num dos ecossistemas mais férteis do planeta - ou na imagem



de 'uma antena parabólica na lama'.

O termo “manguebeat” vem da junção da palavra “mangue”, um ecossistema típico da costa do Nordeste brasileiro, com a palavra “beat”, do inglês que significa batida (também remete à linguagem de código binário usada na informática, bits).

A proposta inicial de Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ) era conectar os ritmos diversos, como afirma Chico Science em entrevista para o Jornal do Comércio (PE) em primeiro de junho de 1991: “O ritmo chama-se Mangue. É uma mistura de samba-reggae, rap, raggamuffin e embolada (UCELLA; LIMA, 2013, p.112).

Conforme os autores, o movimento manguebeat veio com a proposta de injetar nas veias culturais de Recife (Pernambuco) uma poética sonora que dialogasse com identidades culturais locais e globais¹.

Esse novo empreendimento agitou a cena local, dando impulso à carreira dos artistas receptivos como DJ Dolores, Devotos, Face do Subúrbio, e, paralelamente, gerando mal-estar entre os refratários às mudanças dessa natureza, a exemplo do Movimento Armorial, encabeçado por Ariano Suassuna. Esse intelectual, autorizado pelo poder da tradição, criticava abertamente os *mangueboys*², apontando o descaso deles com o que entendia ser a “pureza da cultura nordestina” que, segundo seu entendimento, havia permanecido incólume aos ventos do tempo e da história, sobretudo na parte interiorana, no período de sua maior ameaça – as décadas iniciais do século XX (RAMALHO, 2015, p.11).

A gênese desse movimento cultural de seu nos anos 1970 por meio da oposição ao movimento armorial, engendrado nos anos 1970 e liderado pelo escritor paraibano Ariano Suassuna. 'O mangue foi uma reação radical aos armoriais, ele se tornou uma resistência a um ambiente completamente hostil a qualquer coisa contemporânea', diz Fred.

¹ O local e o global, nesse contexto, está relacionado com a tensão provocada pela interação dos elementos musicais referentes à cultura do Recife (e conseqüentemente afro-brasileira), com a cultura americana, por exemplo. Essa tensão pode ser percebida quando se utiliza do ritmo do maracatu-nação, ritmo afro-brasileiro, como base e da guitarra elétrica, aproximando-se do rock inglês da década de 80.

² Era como os membros do manguebeat se chamavam



Pires (2008) definiu armoriais da seguinte forma:

Os armoriais propunham resgatar, em âmbito erudito, a cultura do sertão, cujos elementos vindos da Península Ibérica - as influências cristãs e mouras - se fundiam aos indígenas e se preservavam em estado essencial, por estarem longe do litoral onde se faz propício o contato com o exterior. Os armoriais viam na mestiçagem o mito de origem da cultura genuinamente brasileira, e não um fenômeno em processo, permeável a mudanças. (PIRES, 2008).

A partir das metáforas do Manguebeat, podemos dizer que seus artistas tentavam substituir a representação do Sertão (a identificação da terra seca e rachada, presa no passado) pela lama viscosa e rica em matéria apodrecida do mangue (dinâmica em seu ciclo vital de decomposição e geração de nutrientes, em renovação e transformação constante) (RAMALHO, 2015, p.11).

O autor acrescenta que inspirado nas imagens literárias do romance de Josué de Castro, Chico Science pensava o Mangue em uma relação orgânica com a cidade que, por sua vez, era também representada antropomorficamente: o mangue e seus rios seriam respectivamente o coração e as artérias do Recife.

O nascimento do movimento se deu na época supracitada pelo fato de ter se inspirado fortemente no trabalho de Robertinho do Recife e seus álbuns “Jardim da Infância” (1977), “Robertinho do Passo” (1978), e “E Agora pra Vocês...Suingues Tropicais” (1979).

Hoje os principais representantes do movimento manguebeat na música são os seguintes artistas e bandas: Mundo Livre S/A, Chico Science & Nação Zumbi (hoje apenas Nação Zumbi), Sheik Tosado, Mestre Ambrósio, DJ Dolores, Comadre Fulozinha, Jorge Cabeleira e o Dia em que Seremos Todos Inúteis, Eddie, Via Sat e Querosene Jacaré, dentre outros.

3. Conclusão

O estudo teve como objetivo identificar como se deu a origem do movimento do



manguebeat. Este objetivo foi atingido, uma vez que, a fundamentação teórica evidenciou os principais fatos ligados a gênese do movimento. Para o atingimento de tal objetivo foram realizadas pesquisas bibliográficas que conseguiram levantar a origem de tal movimento.

Diante da proposta de conceitos a se trabalhar para estabelecer a gênese do movimento do manguebeat, entendemos que o movimento em questão é composto de várias referências da música, artes e culturas, um hibridismo que formou um movimento contracultura de grande importância para a capital pernambucana, Recife/PE e para todo o Brasil.

Referências

PIRES, Francisco Quinteiro. **Identidade e Hibridismo**. Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 de março de 2008. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/08.03.identidade&hibridismo.quinteiropires&heromvargas.pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2017.

RAMALHO, Renan Vinícius Alves. **As Fronteiras do Jardim da Razão: o manguebeat e o espaço da regionalidade no Recife na década de 1990**. Dissertação (Mestrado em História) – Natal/RN: UFRN, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20419/1/RenanViniciusAlvesRamalho DISSERT.pdf> Acesso em: 03 de setembro de 2017.

RIBAS, Rafael Malvar. **Contracultura Musical Brasileira: movimentos e particularidades**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2953/5/Rafael%20Malvar%20Ribas.pdf> Acesso: 03 de setembro de 2017.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

UCELLA, Orlando Brandão; LIMA, Tânia. **O Maracatu Afrociberdólico de Chico Science e Nação Zumbi**. Revista Brasileira de Estudos da Canção. Natal, n.4, jul-dez 2013. Disponível em: http://www.rbec.ect.ufrn.br/data/uploaded/artigo/N4/RBEC_N4_A9.pdf Acesso em: 02 de setembro de 2017.